



| Representação Parlamentar |

| Deputada Zuraida Soares | Orçamento de Estado |

| Novembro 2012 |

Diz o povo que a verdade é como o azeite: vem sempre ao de cima.

O Partido Socialista, em 2011, chamou a troika para evitar a chamada bancarrota do País.

Logo se apressaram PSD e CDS a dar cobertura política a este argumento e todos, em conjunto, desencadearam uma operação de propaganda e chantagem sobre o povo português.

Nesta campanha de autêntico pânico, lançada sobre a população portuguesa, avultava (em nome desta chantagem) o slogan de que o Estado não tinha dinheiro para pagar salários e pensões.

Afirmou o Bloco de Esquerda, na ocasião, que esta argumentação era falsa e que mais não era do que uma manobra, para acorrentar o País a uma linha política e económica que dominava os principais países europeus: a de que a salvação da banca europeia era o alfa e o ómega desta política, acompanhada da asiaticização das relações laborais.

Não negámos as dificuldades, mas assumimos que a dívida externa era - como continua a ser - a principal sanguessuga da nossa economia e que o caminho a ser iniciado, naquela altura, nos iria levar a uma recessão inaudita, acompanhada por um desastre social jamais visto, em democracia.

Na altura, a companhia para esta tese era pequena, sabemo-lo bem.

Hoje, a mesma tese (ou aproximações a ela) é cada vez mais forte, na sociedade portuguesa.

A vida provou-a e a distância temporal (embora pequena) ajuda a desatar as línguas e os pensamentos.

Chamo a atenção de quem, nesta Casa, clamava (e continua a clamar) que, se não fosse o pedido de resgate, não haveria dinheiro para pensões e salários, para um livro publicado, recentemente, por Emanuel dos Santos.

Este Senhor foi tão só Secretário de Estado do Orçamento, entre 2005 e 2011. Neste livro, o autor prova que, tanto na primeira metade, como no conjunto de 2011, o valor dos custos dos salários do Estado estava totalmente coberto, pelas receitas de alguns dos impostos e as pensões eram garantidas, por receitas superiores da Segurança Social.



| Representação Parlamentar |

É, portanto, a dívida que nos sufoca e, por isso (como sempre dissemos), impõe-se reestruturá-la e anular uma parte do seu stock, conseguindo, simultaneamente, melhores juros e garantias.

O que se está a pagar a mais não é o Estado Social, ou os serviços públicos, mas sim os juros da dívida, que crescem sempre.

Tendo em conta esta reflexão, o Orçamento de Estado a que, agora, somos chamados a dar parecer, é uma catástrofe para o País. Na continuidade dos PEC's e do Orçamento de 2011, aí está mais um passo de gigante para o empobrecimento das pessoas, mais um passo para a miséria que grassa, mais um passo para o desemprego galopante e para a falência de mais e mais empresas.

Mas o que os/as Portugueses/as vêem de forma clara é que, apesar deste autêntico terramoto nas suas vidas, a dívida continua a aumentar, os juros são escandalosos e o défice orçamental não atinge os objectivos.

Prosseguir este caminho é aprofundar o desastre. Também por isso, o Bloco de Esquerda, não só vota contra este Orçamento, como afirma que só há uma forma de evitar o cadafalso, para onde o governo PSD/CDS nos levam: é demiti-lo.

Demiti-lo, antes que este cadafalso se agrave, inevitavelmente, nos Açores. Demiti-lo, antes que o ataque intentado, de forma inconstitucional, contra a nossa Autonomia, nos faça retroceder décadas. Demiti-lo, antes que ele se atreva a penalizar, duplamente, quem aqui vive e daqui não quer sair. Demiti-lo, também depende de nós, Açorianos e Açorianas.

Horta, 23 de Novembro de 2012